

LUTA MÉDICA ENTREVISTA JESUÍNO DOS SANTOS NETTO

Se a vida pode ser contada em números, a matemática tem tratado com generosidade Antônio Jesuíno dos Santos Netto, médico, conselheiro do Cremeb há mais de 10 anos e membro – ativo, como ele mesmo gosta de frisar – de mais de 30 entidades das áreas de saúde, educação, bioética, sindicalismo, espiritualismo, direitos humanos etc. Nascido em Salvador, no dia 18 de setembro de 1920, o Dr. Jesuíno formou-se pela Famed, em 1944. Trabalhou durante 41 anos na Previdência, sem nunca interromper suas atividades em todos os campos de ação nos quais ingressou, chegando aos 86 anos de vida com uma vitalidade invejável.

Sem esconder o orgulho, ele conta que durante os 42 anos em que lecionou na Escola Baiana de Medicina ajudou a formar nada menos que 8.400 médicos. Na Universidade Católica ensinou mais 30 anos, no curso de Educação Física. Hoje dá aulas na Faculdade Livre da Terceira Idade. Com a palavra o Dr. Jesuíno:

Como o Sr. vê a participação dos médicos no sindicato da categoria?

Dr. Jesuíno: Primeiramente eu gostaria de registrar a minha satisfação pela comemoração do aniversário de 72 anos do Sindicato dos Médicos da Bahia, entidade que infelizmente não é devidamente

apoiada pela classe em geral. Muitos se mostram alheios à necessidade de reivindicar. Isso eu acho muito grave.

Considerando que nós temos hoje na Bahia cerca de 14 mil médicos atuantes (de acordo com os registros do Cremeb, são 18 mil os que podem exercer a medicina), eu lamento que a maioria desses médicos não se filie ao seu órgão de classe.

Mas não esmoreço. Mantenho o desejo de que os colegas venham a entender o quanto é importante um órgão de classe com o maior número possível de associados. Sem dúvida vale o ditado de que a união faz a força. Só assim teremos maior capacidade de enfrentar as lutas e avançar nas reivindicações, o que justifica o título do nosso jornal Luta Médica.

Um dos motivos para essa fraca participação poderia ser o fato de os médicos possuírem várias entidades? Quais as singularidades da ABM, do Sindimed e do Cremeb?

Dr. Jesuíno: Não acredito que o problema da participação tenha relação com o número de entidades, porque elas são absolutamente diferentes.

Eu gosto de incentivar meus colegas a se inscreverem no sindicato, porque ele é o órgão de defesa profissional, que reivindica benefícios para a classe. Enquanto a Associação Bahiana de Medicina é predominantemente um órgão cultural, cientificamente falando, para promover reuniões mensais e outros eventos de

qualificação em cada uma das 54 especialidades registradas hoje: cirurgia, ginecologia... E o Conselho (Cremeb) é um órgão fiscalizador do exercício profissional, em defesa da sociedade. Lamentavelmente nós temos, em alguns casos, o dever de punir. E você não tem idéia do que é para nós julgar e punir um colega com advertência, com censura, suspensão, ou cassação do exercício profissional. O ato de julgar, meu irmão, é duro. São situações terríveis que nem vale a pena abordar. Questões técnicas e éticas.

O Sr. vê alguma relação entre o agravamento de problemas éticos e técnicos no exercício profissional em função da proliferação das escolas de medicina que tem ocorrido no Brasil?

Dr. Jesuíno: Esse é um grande problema. O comércio do ensino da medicina é uma tentação. Ao invés de abrir novas escolas nós devíamos tomar a atitude de fechar algumas, as chamadas “fabriquetas” em nosso jargão, fábricas de diplomas...

Admito que existe um demanda muito grande de jovens querendo estudar medicina, mas não vejo como se pode encontrar professores pra ensinar esses jovens em virtude de um número tão grande de escolas. É preciso levar em conta que um professor, pra se formar, com mestrado e doutorado, leva 13 anos.

E ainda tem o agravante de que nas faculdades federais, quando o indivíduo completa 70 anos é aposentado compulsoriamente, como

foi meu caso. É o que eu chamo de “expulsória”.

Como é que o Brasil pode fazer isso, jogar fora a experiência?

Orlando Gomes, José Silveira, grandes homens na medicina e fora dela, um absurdo! Isso somente no Brasil.

Podemos falar então de uma precarização do ensino...

Dr. Jesuíno: Coisa do capitalismo, meu irmão... Tecnicamente não há necessidade da criação de novas escolas. Então eu considero que a abertura de novas escolas é um dos fatores que tem determinado uma má prática. Se conseguirmos diminuir o número de escolas, vai diminuir o número de queixas no Cremb, porque a falta de conhecimento leva ao desvio ético.

Agora tem outra coisa, aquilo que se chama de erro médico não depende só do médico. O Alfredo Boa Sorte e toda a diretoria do Sindimed sempre denunciaram as más condições de trabalho. Claro que o médico pode cometer ilicitudes, mas tem hospitais aí, em pronto-socorro, que é de arrepiar os cabelos de todas as partes do corpo.

Qual a sua opinião sobre a precarização nas relações de trabalho, principalmente no que se refere à contratação através das cooperativas médicas?

Dr. Jesuíno: Eu sou dos que não admite que se prolongue por muito tempo a falta de abertura de concurso para ingresso na carreira em todas as áreas: federal, estadual e municipal. Há anos não existe

ingresso para a carreira, o que eu não aceito.

Sou também um revoltado contra a terceirização, que aparentemente oferece oportunidade de emprego aos colegas, mas não lhes assegura o mínimo de segurança para o futuro. As falsas cooperativas ao invés de beneficiar estão prejudicando os médicos, porque eles não têm férias remuneradas, não têm carteira assinada. Isso é um crime. Daqui a 10 anos o que é que esse jovem vai fazer sem um amparo previdenciário? Sem aposentadoria? Vai ficar só como autônomo? Não dá pra nada. Além disso, quando uma pessoa adoece, tem muito mais despesa do que quando estava sã. E se você não tem nem o auxílio-doença, aí é que piorou de vez.

Então é prejudicial ao médico essa contratação por terceirização sob a forma dessas falsas cooperativas. Quando o elástico se estende, rompe.

O senhor quer deixar uma mensagem para o leitor do Luta Médica?

Dr. Jesuíno: Eu quero que o Sindicato continue lutando, como vem fazendo, contra a precariedade das condições de trabalho, que muitas vezes está subjacente ao chamado erro médico. Outra luta que eu quero incentivar é contra a baixa remuneração do trabalho profissional. Lamentavelmente os governos municipais, estaduais e federais nunca deram prioridade nem à saúde nem à educação. Eu queria dizer que em 62 anos de exercício profissional eu

mantenho uma grande esperança de que a classe médica se conscientize no sentido de participar do seu sindicato, principalmente agora, em função da campanha pela aquisição da sua sede própria. Espero que num prazo muito curto aconteça essa realização.

De minha parte já dei o primeiro passo. Pedi ao Sindimed que emitisse um carnê e vou fazer um pagamento mensal durante um ano – além da minha mensalidade de associado -, com o objetivo específico da compra da sede. Se cada médico adotasse esse procedimento – dentro das condições de cada um, evidentemente -, em muito pouco tempo o sindicato não teria mais que pagar aluguel, investindo esses recursos nas lutas que tanto a categoria precisa.